

EXCERTOS DA HISTÓRIA DE UM BATALHÃO DE INFANTARIA, SUSTENTACULO DA REPÚBLICA

Gen Bds Int
EPAMINONDAS FERRAZ DA CUNHA

Descrevemos anteriormente um trecho da vida do 7.º Batalhão de Infantaria, entre o "15 de Novembro de 1889" a 15 de Novembro de 1890.

Agora, convidamos o leitor a acompanhar o nosso batalhão, de 15 de novembro de 1890 a 11 de abril de 1892.

Glória e declínio de Deodoro. Surge o "Florianismo" e o "Marschal de Ferro" dá seus primeiros passos na consolidação da República.

E pisa firme...

1. A 16 de novembro de 1890, o Comandante do 7º Batalhão de Infantaria, Coronel Manoel da Silva Rosa Júnior diz que, tendo sido empossado no cargo de Senador, no Congresso Nacional, entrega o comando do Batalhão ao cidadão Tenente-Coronel, adido, Carlos Olímpio Ferraz.

Está aí uma possível razão para que Ferraz, o antigo Fiscal, tenha permanecido adido ao batalhão: a de vir substituir Rosa Júnior cuja eleição, então, se prognosticava.

2. Carlos Olímpio Ferraz é um sexagenário, veterano da guerra do Paraguai, em que esteve por dois anos, como se infere de sua medalha. Infelizmente não dispusemos de sua fé de ofício para oferecer maiores informações sobre a sua vida militar.

Formou-se nos cursos de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar onde cursou já no posto de Tenente, temperado pelos combates daquela campanha na qual conquistou o posto de Alferes, por distinção. Somente com a República seus serviços são reconhecidos e logo galga o posto de Major, por serviços relevantes, e o de Tenente-Coronel.

Imaginamos este oficial como um chefe militar de caráter misto de energia e bonacheirice, um chefe que, pelo exemplo, sabe conduzir seus homens ao fogo do combate, e na paz, trata-os como filhos, sem um excessivo paternalismo, mas protelando, sempre que possível, a execução das ameaças que faz. Pelo que se lê nas suas ordens do dia, parece que estamos compondo a figura certa do atual Comandante do 7º BI.

Ainda se ouvem os ecos da grande parada comemorativa do 1º aniversário da República. Floriano, o Ministro da Guerra, não poupa elogios às tropas que abrilhantaram. E entre estas, acha-se o correto e luzido 7º de Infantaria.

Passados êsses momentos de festas, bem como os que se seguem, com a vinda do Ano Nôvo, desce sôbre o Brasil o crepe de uma triste notícia:

"Chega-nos a pungente noticia da morte do General-de-Brigada Dr. Benjamim Constant Botelho de Magalhães.

Perde o Exército um de seus illustres Generais, e a Pátria, o eminente cooperador da liberdade atual.

Dotado de esclarecida intelligência, honradez e civismo, trilhando sempre o caminho da virtude personificada, desde logo que encetou a carreira militar patenteou a sua abnegação, tornando-se assim merecedor da estima daqueles que tiveram a felicidade de o conhecer, já como educador da mocidade acadêmica, já como um dos membros do Governo Provisório.

Nas lutas da propaganda do movimento republicano que de há muito se desenvolvia no Brasil, encontramos o Dr. Benjamim Constant, não o homem de ocasião, mas sim o verdadeiro batalhador da grande causa da revolução, a qual podemos afirmar, devido às suas intervenções e acertadas medidas, teve, como o sabemos, o bom êxito no 15 de Novembro de 1889, em que se proclamou a florescente República dos Estados Unidos do Brasil, e por isso, com orgulho, o nosso auriverde pendão era desfraldado aos ventos da liberdade, com grande regozijo para nós e a Pátria; devemos a todo custo, empregando os nossos quadrados, fazer com que sempre tremule, içado em lembrança do denodado cidadão, cujo nome imortalizado, lega à Nação Brasileira e à História..... É pois com o coração dilacerado que faço chegar ao conhecimento do Batalhão, tão contristador acontecimento."

Assim se despede Carlos Olimpio Ferraz do grande brasileiro que permanecerá em nossa História como o maior batalhador pela fundação da República.

3. O cotidiano exige maiores cuidados do Comandante, nesses dias em que as paixões políticas se aguçam, envolvendo, sem dúvida alguma, uma grande parte da officialidade das Fôrças Armadas.

A queda de Deodoro — que virá em um ano — e a ascensão de Floriano ao exercicio da Presidência da República — sob o repúdio de uns e a ovação de outros —, são dois fatos marcantes do início da nossa era republicana. Êstes fatos trarão, para o centro da arena

política, uma legião de militares. Alguns dêles ali transitarão por muitos e muitos anos... mas outros cedo terão desilusões, e voiverão às fileiras do Exército onde melhor poderão defender seus ideais republicanos. E por êsses ideais, vários darão a vida.

Carlos Olímpio vai dosando as medidas disciplinares a fim de manter o Batalhão em boa forma e na mão.

A princípio, prefere rebaixar os graduados a prender. Mas, se a praça injúria um graduado, êle não hesita: são 20 dias de solitária, "a jejum".

Um grave incidente ocorre no morro de Santo Antônio, e, pelos termos do registro, deve ter ocorrido no interior do quartel, ou bem próximo dêste.

Em pleno Natal, às 20 horas do dia 25 de dezembro de 1890, um soldado é assassinado. Graças à atividade do comandante da guarda — um 1º cadete — foi possível descobrir os autores do crime — um anspeçada e um soldado. Pelo seu zêlo, o cadete é dispensado do serviço por 4 dias.

4. A justiça de Carlos Olímpio vela, também, pela moral familiar de suas praças. Por isso, um cabo audacioso é rebaixado indefinidamente, porque "abusara da confiança que lhe dispensava um seu companheiro, a ponto de seduzir sua mulher para a prática de atos reprovados." E para escarmento do culpado, prende-o preventivamente.

Mas Carlos Olímpio deve ter sentido certa mágoa, quando em 27 de fevereiro de 1891, com pouco mais de três meses de comando, vê apresentar-se o ex-Senador por Sergipe — o Coronel Manoel da Silva Rosa Júnior — titular no comando da Unidade. Dissemos que teria havido uma possível mágoa, porque, ao se despedir do Batalhão, Carlos Olímpio não se refere à volta do antigo Comandante:

"Tendo a 15 de novembro findo, assumido o comando do 7º BI *em virtude de ordem superior e em circunstâncias assaz melindrosas* (grifamos), em vista do determinado pela ordem do dia da guarnição nº 77, de hoje, deixo o comando do mesmo por haver sido dispensado de tal exercício.

Saudoso me despeço da blosa oficialidade como das praças de pré em geral... (seguem-se elogios)."

O titular — Rosa Júnior — por sua vez declara:

"Tendo hoje me apresentado ao Quartel-General, por haver-se encerrado os trabalhos do Congresso Constituinte, no qual me achava com assento como Senador, assumo o comando do Batalhão em cumprimento ao determinado em ordem do dia da guarnição nº 77, desta data, que também

dispensa de tal exercicio o cidadão Tenente-Coronel Carlos Olímpio Ferraz. Ao reassumir o respectivo comando, confio que serei coadjuvado pelos briosos oficiais a fim de que continue o Batalhão a merecer a confiança e estima dos nossos chefes."

5. Rosa Júnior não fica no comando por mais de três dias. E explica a sua saída, em 2 de março:

"Tendo comunicado ao cidadão Ajudante-General, desistir do exercicio do comando que havia assumido de ordem superior por ocasião de apresentar-me por se ter encerrado os trabalhos do Congresso, onde achava-me com assento como Senador pelo Estado de Sergipe, passo nesta data o respectivo comando ao cidadão Major-Fiscal Rafael Tobias conforme as disposições que facultam-me tal atribuição."

Rafael Tobias assume o comando; no dia seguinte, a 3 de março, passa-o... a Carlos Olímpio Ferraz, o bom amigo do 7º.

Carlos Olímpio fôra transferido do 15º para o 7º e Rosa Júnior do 7º para o 22º, também no Rio.

6. Carlos Olímpio exulta com a sua designação para o comando do 7º:

"Assumindo nesta data o comando dêste Batalhão, congratulo-me em dar disso conhecimento, de achar-me de novo à sua frente, dirigindo os seus destinos, esperando da briosa officialidade, como dantes, a mais eficaz coadjuvação, e das praças de pré em geral, o verdadeiro devotamento à disciplina, boa ordem e respeito aos seus superiores a fim de que o 7º BI, cujas tradições não são jamais esquecidas, continue a merecer a confiança e estima das autoridades constituídas.

Sinceramente agradeço às praças de pré pela estima, consideração e amor que me dispensam, mostrando, *com a espontaneidade da simples manifestação que fizeram ao saber do meu regresso ao Batalhão* (grifamos) que são verdadeiros amigos e os melhores soldados; por isso, espero que, trilhando como sempre, o caminho da virtude e da honestidade, deveres dos perfectos soldados, procedam de modo a tornarem-se dignos da confiança dos nossos chefes, dando, assim, ao 7º BI, o renome de que, pelos seus feitos gloriosos, é merecedor."

É o próprio Carlos Olímpio quem confirma o nosso conceito inicial sobre as facetas que preponderam na sua personalidade de Co-

mandante: energia e bondade. E são os seus soldados, os primeiros a reconhecerem tais qualidades, tanto assim que vibram com o seu regresso.

E como não estar alegre em voltar a comandar o 7º, um corpo de tropa que recebe os maiores elogios das autoridades?

Pouco antes de haver deixado o comando, Carlos Olímpio desfilara com êsses soldados, tão seus amigos, na grande parada com que fôra solenizado o ato de posse do Marechal Deodoro da Fonseca, no cargo de Presidente da República, prestando-lhe as homenagens devidas, por ocasião de sua ida ao Congresso Nacional, a fim de receber o alto cargo que lhe fôra confiado pela Nação.

7. A Constituição é promulgada em 24 de fevereiro e, a 26, Deodoro e Floriano assumem, respectivamente a Presidência e a Vice-Presidência da República.

Neste último ato, vê-se entre a tropa formada em continência a Deodoro, um luzido contingente de forças da Marinha, que merece do Ajudante-General o seguinte agradecimento:

"...Me é grato igualmente agradecer à briosa Brigada da Armada Nacional sob o comando do Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra Luiz Felipe de Saldanha da Gama que galhardamente se apresentou..."

Dois anos depois, de armas na mão, Saldanha da Gama lutará contra aquêlo enigmático Vice-Presidente que ora está sendo empossado no cargo. Ambos estarão, então, interpretando aquela Constituição em que mal secara a tinta, por prismas que se antagonizam.

8. A rivalidade, sempre latente, entre as forças das diversas corporações, acentua-se. Entre as praças do Exército e as da Brigada Policial, há — sem sombra de dúvida — um permanente desafio.

Hoje, com os sistemas de recrutamento adotados pelas Forças Armadas e Auxiliares, as campanhas de esclarecimento, a especialização de muitas das praças e a criação das Unidades de Polícia nas Forças Armadas, não há mais aquêlo perigoso estado de tensão que havia no passado entre praças de forças diferentes. Por outro lado, nas grandes cidades do país, onde maior é a densidade de contingentes militares, o próprio gigantismo da área urbana espalha os elementos que saem dos quartéis, servindo de agente dissuasório à formação de grupos.

Em outras épocas, porém, a situação era diferente. No Rio, sede do 7º — os conflitos perduraram até a 2ª Grande Guerra, entre os militares que se agrupavam pelas ruas da cidade. A ciúmada entre as praças originava lutas que sempre preocupavam as autoridades responsáveis.

Os conselhos, as advertências, as ameaças, e por fim, as punições, eram medidas inócuas: quando menos se esperava, o conflito estourava em torno dos quiosques, no bairro da Saúde, na zona do meretrício ou nas batalhas de confete. Os pretextos? Os mais fúteis; porém, às vezes, uma vida era o preço dessa futilidade.

Carlos Olímpio recorre ao seu prestígio junto à tropa que tão feliz ficara com o seu regresso ao comando do 7º. Após tecer comentários cheios de indignação, pelo conflito havido com elementos da Brigada Policial, na rua do Passeio, diz êle:

"... Espero, pois, que as praças não mais incorram no meu desagrado e me forcem a puni-las severamente por questões com as de Polícia e ainda mais uma vez declaro que serei rigoroso para com tôdas aquelas que cometam idênticas faltas que de alguma maneira desvirtuam os créditos do Batalhão."

Isto, o Comandante do 7º diz em 5 de março de 1891. Mas, em 7 de abril, êle volta a aconselhar e a ameaçar face a um entrevero havido entre praças de uma patrulha da Unidade e praças da Polícia:

"Ainda mais uma vez recomendo a tôdas as praças de pré, em geral, que se conduzam pelo caminho do dever

... Se dora em diante, algumas praças forem insultadas pelas da Polícia procurem sempre evitar questões, comunicando-me imediatamente o ocorrido ou a qualquer autoridade dêste quartel por que tomarei as devidas providências e se assim não procederem serão corrigidas severamente. Em vista, pois, do que fica acima exposto, espero que as praças do Batalhão jamais se esquecerão de que devem ser as primeiras a manter a ordem para não serem apontadas como turbulentas e não incorram no desagrado dos seus superiores."

As advertências de Carlos Olímpio são reforçadas pelas do comandante da Guarnição, em 18 de agosto:

"Tendo-se reproduzido nas ruas desta capital, conflitos que a imprensa diariamente registra (1) e que as mais das vezes são injustas e irrogadas as praças do Exército (grifamos), talvez a isto induzidas por desconhecerem a sua nobre missão, convém que o soldado se compenetre de que fazendo parte da força pública tem o dever de congregar-se com as demais praças da Armada, Guarda Nacional e da Brigada Policial, para na mais perfeita confraternização corresponderem à nobre missão que a Pátria lhes confia, como seus mantenedores da ordem, segurança e integridade nacional. . ."

Ao final de uma longa recomendação, o comandante da Guarda ordena ao General Comandante Geral da Artilharia e aos Comandantes dos corpos de Infantaria e Cavalaria, que não permitam às praças de suas Unidades saírem após o toque de "recolher", qualquer que seja o pretexto, devendo aquelas que forem a serviço, portar declarações assinadas pelo oficial que as mandou à rua.

9. As autoridades militares estão atentas à manutenção da disciplina no Exército. Embora não aceitando, muitas vezes, que os seus comandados sejam os culpados pela eclosão de conflitos, elas se desdobram em providências para impedir tais choques.

Há também que prevenir, para impedir ou reduzir a reação dos monarquistas que se infiltram nos grupos políticos adversos ao Governo de Deodoro.

Por tudo isso, desenvolve-se a instrução da tropa, ocupando o seu tempo e adequando-a para atender, com eficiência, à defesa das instituições e à manutenção da paz e da ordem.

Em março de 1891, o Comandante da 2ª Brigada visita o quartel do 7º. Aguarda-o o Batalhão formado em ordem de marcha. Dez dias depois, toda a Brigada exercita-se no Campo de Marte sendo apreciado pelo Comandante da Brigada que assim constata o alto grau de adestramento do 7º e do 23º BI.

Carlos Olímpio resolve, em abril, experimentar o espírito de alerta da Unidade. Os resultados são os melhores para os padrões da época: ao toque de reunir, o Batalhão entra em forma — pronto para a ação em apenas 20 minutos, sendo que, a 1ª Companhia comparece em apenas 14 minutos. O Comandante da Unidade exalta o mérito da tropa, mas espera que "alguns inferiores, cadetes e mais praças que faltaram, evitem o mais possível de cometerem semelhantes faltas, a fim de que este comando não se veja forçado a puni-los."

Granjeando fama de Unidade de escol, o 7º não pode desmerecer deste conceito em nenhuma circunstância. Por isso, foi com desusado ardor que seus elementos se empenharam para vencer a prova que, de surpresa, lhes foi determinada cumprir:

— em certa manhã de maio, cerca de 11 horas e meia, o Ajudante-General do Exército determina ao Comandante da 2ª Brigada que — pelo telefone — dê ordens para que os 7.º e 23.º BI se apresentem com a máxima presteza em frente ao edifício da Secretaria da Guerra, em completa ordem de marcha.

Faça-se uma idéia do azáfama que não deve ter havido no morro de Santo Antônio. Hoje, com as ruas centrais e a Avenida Presidente Vargas constituindo largas artérias, ainda o caminho para ir da Carioca ao Edifício do Ministério do Exército nos parece bem longo. Imagine-se tal distância para percorrer sob o peso de uma mochila, patronas com munição e fuzil. Calcule-se o marche-marche,

em uma época em que as ruas são estreitas e onde os carroções e os bondes puxados a burros atravancam a passagem; um marche-marche feito sobre um calçamento infernal na maior parte, talvez, em pedras pé-de-moleque!

Mas, em menos de 25 minutos, ambos os Batalhões apresentam-se no local determinado. O Comandante da 2ª Brigada ressalta o fato:

"... pelo que ficou provada a prontidão desses corpos a chegarem à forma e marcharem a qualquer momento que o desempenhado serviço a isto exigir, atendendo-se especialmente a distância do quartel do 7º BI. Por este extraordinário acontecimento conheci mais uma vez a disciplina dos mencionados corpos, o zelo e inexcedível dedicação pelo serviço militar dos Srs. Tenente-Coronel Carlos Olímpio Ferraz, do 7º BI e Capitão Antônio Caetano da Silva Júnior, do 23º BI."

Dai por diante, trata-se de manter a eficiência da Unidade, com exercícios constantes. Por isso, em junho, após uma revista em ordem de marcha, o Batalhão sai à rua, sendo apreciado pela correção e garbo de seus soldados. Dias depois, novos exercícios com a 2ª Brigada no Campo de Marte, e novos encômios do Comandante da Grande Unidade.

Ao falarmos do elogiável apresto em que se encontra o Batalhão não fazemos comparações com as belas cenas que nos proporcionam os Batalhões da atualidade, ao desfilarem com garbo marcial, integrados por jovens conscritos de uniformes moldados nos corpos de porte escoreito, desempenados pela moderna educação física.

Na verdade, as Unidades daquela época, onde se mesclavam adolescentes imberbes com calejados veteranos que se conformavam com reengajamentos sem maiores horizontes, não tinham condições para despertar, no público, a vibração própria dos espetáculos marcados pelo rito marcial.

Mas, que não se enganassem, os que acreditavam nessas aparências. Na luta verdadeira, no instante do combate, aqueles mesmos homens transmutavam-se em heróis. Assim os via, Euclides da Cunha:

"Intoleráveis na paz que os molifica, e infirma, e relaxa; inclassificáveis nas paradas das ruas, em que passam sem garbo, sem aprumo, corcundas sob a espingarda desastradamente manejada, a guerra é o seu melhor campo de instrução e o inimigo o instrutor predileto, transmudando-os em poucos dias, disciplinando-os, enrijando-os, dando-lhes em pouco tempo, nos exercícios extenuadores da marcha e do combate, o que nunca tiveram nas capitais festivas, — a altivez do porte, a segurança do passo, a precisão do tiro, a celeridade das cargas."

Com tanto treinamento o Batalhão bem faz por merecer os elogios que lhe dedica o Ajudante-General por ter, em 31 de julho, tomado parte na grande parada havida por ordem do Ministro da Guerra, em comemoração ao aniversário de Deodoro. Festeja-se a data natalícia do Proclamador da República Brasileira... pela última vez em sua vida. O seu próximo aniversário, Deodoro, fora do poder, vê passar sem as galas de uma comemoração pública. Recolhido ao lar, estará a poucos dias da morte.

10. Carlos Olímpio aplica — com seu feitio paternal — as sanções do Código disciplinar nos seus subordinados faltosos.

Poucos, muito poucos, são os registros de punições com a pena de prisão, no período de comando de Carlos Olímpio.

Ao prender, por 15 dias, dois sargentos que se engalfinharam em luta corporal, êle diz:

"...limitando-me a êste castigo em atenção aos precedentes de ambos e mesmo porque talvez cometessem semelhante falta impensadamente; esperando que dora em diante procurem outra forma de proceder, porquanto, como futuros oficiais, não devem incorrer no desgredo de seus chefes..."

Em certos casos, aplica a pena de rebaixamento, mas não prende. Sômente em circunstâncias mais graves manda o culpado para o xadrez. E, mesmo assim, busca um jeito de relevar, depois, a prisão. Sente-se, sempre, a tônica da bondade do Comandante.

No que tange ao material, o Comandante faz severas advertências quanto à falta de zelo para com o armamento, o que vem permitindo o desaparecimento de peças, incidindo os responsáveis por tais extravios, nas penas do art. 19, "dos de guerra".

11. Recordemos que o tal art. 19, "dos de guerra", nada mais é do que um dispositivo do Regulamento de Infantaria e Artilharia do Conde de Lippe, publicado em 1763, e reza:

"Art. 19 — Todo soldado que não tiver cuidado nas suas armas, no seu uniforme, e em tudo que lhe pertence, que o lançar fora, que o romper, ou arruinar de propósito, e sem necessidade, e que o vender, empenhar ou jogar, será pela primeira e segunda vez prêso, porém, à terceira punido de morte."

Temos a certeza de que o bondoso Carlos Olímpio — mesmo em uma terceira reincidência, não recomendará a pena de morte para um de seus subordinados. E, afinal, o Código do Conde de Lippe já tem seus bem pesados cento e vinte e tantos anos de vida. Está anacrônico... mas está em vigor!

Não menos exigente, o Ajudante-General recomenda cuidados quanto ao controle da munição, principalmente nesses tempos em que os "sebastianistas" e os descontentes em geral demonstram singular inquietude. Daí, as ordens que chegam e são cumpridas no Batalhão, para obviar as constantes faltas de cartuchames nas guardas da guarnição.

E não há mais comandantes de guardas, internas ou externas, que não confira o material bélico. Que não sejam aplicados aquêles artigos... "os de guerra".

12. Pelo que lemos em duas ordens do dia do Batalhão, parece-nos que, no pós-guerra contra Lopez, a participação dos oficiais na política e o excessivo clima de academicismo em que se formaram as gerações de oficiais que antecederam a República, foram fatores que concorreram para que alguns desses militares se apaisassem.

Não considerem excessiva a expressão! Outra não pode ser, se visualizarmos uma cena assim:

— um militar — um oficial, por exemplo — caminha pela calçada e cruza com uma praça que o cumprimenta militarmente; o oficial corresponde ao cumprimento levando à pala a mão direita, enquanto, com a esquerda, ergue um guarda-sol aberto. E não se diga que o guarda-sol é de tipo regulamentar; não existe este item entre as peças de uniforme.

O espetáculo não deve ser raro, pois o Ajudante-General não iria abalar-se em prover a sua ordem do dia com a recomendação que se lê abaixo, se os casos dessa natureza não fôsem frequentes:

"Tendo notado que alguns Srs. Officiais desta guarnição infringem as determinações reiteradas dêste Quartel-General sobre uniformes e cometem o abuso de andarem com os dólmas desabotoados e com os alamares caídos e com guarda-sol em punho, a ponto de tão pernicioso exemplo se estender aos cadetes e inferiores, recomendo aos Srs. Comandantes de Brigada que façam cessar tão estranhável abuso envidando todos os esforços para que por êsse meio não arrefeça a disciplina militar."

Mas o mau exemplo apesar da advertência, continua, e tempos depois, o Ajudante-General insiste:

"Tendo notado que alguns Srs. Officiais e praças de pré andam com os dólmas desabotoados, mostrando os colêtes e gravatas de cores, fazendo uso de guarda-sol e bengala, o que é contrário às reiteradas ordens superiores e con-

tidas não só nos regulamentos em vigor, como recentes determinações desta repartição, recomendo aos Srs. Comandantes de Companhias a mais rigorosa observância no uso dos uniformes de seus comandados, cooperando cada um no exercício das suas atribuições para manter-se êsse importante ramo da disciplina do Exército."

13. A 2 de julho, de acôrdo com o Decreto nº 431, são extintos os comandos de Brigada. Organizam-se sete Distritos Militares.

O Comandante do 7.º BI declara: "...fica, portanto, êste Batalhão, desligado da 2ª Brigada de Infantaria e pertencendo ao Distrito Federal (sic) entendendo-se diretamente com a Repartição de Ajudante-General, sob cujas ordens dora em diante se acha".

O dedicado Barão do Rio Apa desdobra-se, para demonstrar a sua amizade a Deodoro, e um ponto alto dessas provas de estima deve ter sido o de comandar as forças estacionadas no Rio, na grande parada de 15 de novembro de 1891. O Barão credita aos seus subordinados todo o esforço e entusiasmo que resultou no brilho da solenidade militar:

"...o Sr. Generalissimo Presidente da República, tendo-se dignado passar revista àquela tropa, determinou em aviso ao Ministério da Guerra de 16, que em ordem do dia desta repartição sejam elogiados todos os srs. oficiais e praças da Guarda Nacional, da Armada, Exército e Polícia pela galhardia e brilhantismo com que se apresentaram..."

Note-se o destaque que Deodoro dá à Guarda Nacional, fazendo-a preceder às demais forças.

Sobre êsse detalhe, é curioso lembrarmos-nos que o Barão do Rio Apa comandara no Império a Guarda Nacional, e ao ser proclamada a República dizia em sua ordem do dia:

"...viva o Exército e a Armada, viva a Guarda Nacional..."

Dias depois o Barão é exonerado do cargo de Comandante da referida Guarda e dela se despede dizendo:

"...nunca deram crédito a intriga pequena e vil que a todo o transe buscava inimizar o Exército com a Guarda Nacional (ao tempo do Ministério do Visconde de Ouro Preto), espalhando que esta era reorganizada para bater aquêlo."

De fato. Um dos agravos do Exército contra a Monarquia era o de que a Guarda Nacional estava sendo reorganizada no Rio para

conter o Exército, em caso de levante, das forças sediadas na Córte. O próprio Visconde não esconde o propósito do Governo:

"Por esse motivo a reorganização do corpo militar de policia e da Guarda Nacional do Rio de Janeiro, tendo por fim immediato satisfazer uma necessidade por todos compreendida e executar a lei, visava também não deixar o governo à mercê da força de linha, absolutamente sem outra qualquer em que se apoiasse para, se mister fôsse, prevenir ou conter-lhe os desmandos."

Eis, pois, a Guarda Nacional, ontem encarada com desconfiança pelo Exército — e com fundadas razões, como se lê no depoimento acima do Visconde de Ouro Preto — e, agora, sob o regime republicano, a voltar em importância, no conceito do Governo.

14. Envergando o uniforme de gala, o 7.º está na grande cerimônia que se realiza, na oportunidade da abertura do Congresso Nacional, em 19 de dezembro.

É dia de festa, a cidade está engalanada e os acordes marciais das bandas de música despertam o entusiasmo popular, um tanto amortecido desde os grandes desfiles de tropas que regressavam do Paraguai, isto há uns vinte anos. As músicas soam bem, os sons são mais puros, para gáudio dos músicos da banda do 7.º que recebera instrumental novo. Esse instrumental não fôra adquirido pelo Exército. Trata-se de um presente de um extremado admirador do Batalhão, o Capitão reformado e Major honorário (sic) José Ferreira Ramos.

O Batalhão também desfralda uma bandeira nova, oferecida por vários cidadãos, sob a iniciativa de uma patriótica senhora — Dona Maria Correia:

"... Eu vô-la entrego como penhor sacratissimo, convicto de que sabereis sempre guardá-la e defendê-la na ocasião em que o exigir a honra e a dignidade nacionais. Depositando-a em vossas mãos rogo-vos que a conserveis como preciosa reliquia, sublime reflexo da imagem da Pátria, cuja conservação e prosperidade devem ser sempre o nosso constante sonho."

15. Cessadas as festas de fim de ano, o povo carioca inicia o novo calendário em estado de relativa tranqüillidade. As casas legislativas estão em pleno funcionamento, o Presidente da República fôra eleito e empossado e uma liberalíssima Constituição Republicana rege os destinos do Brasil.

Até nos negócios, o povo, agora, participa ativamente. Não é mais aquêlle povo que se recatava de empregar o seu rico dinheirinho

em coisas de comércio e indústria, e que nos tempos do Império via — com admiração — os planos audaciosos e progressistas de um Mauá, sem dar-lhe, entretanto, a solidariedade de suas economias.

Não é mais o povo que via — sem protesto — demorar-se vinte anos o início da construção de uma estrada de ferro como a Central do Brasil, prazo que houve entre a chegada do marquês de Barbacena trazendo da Europa uma proposta inglesa para construir a ferrovia Rio—Minas e o início da construção da "Pedro II", em 1855.

E o caso do gás de iluminação? Até um desembargador, juiz togado, dissera, como informante de uma provisão de privilégio de iluminação a gás, que o pretendente era um impostor por dizer que era luz sem torcida, pois para êle — o juiz — só podia existir luz com torcida embebida em azeite de peixe do tempo dos vice-reis. Assim nos conta o sempre lembrado Moreira de Azevedo...

Agora, não! O povo não aceita prognósticos pessimistas quanto à evolução da técnica, cujos benefícios já se espalham em tantos países da Europa e na América do Norte.

Os espíritos estão vivificados pelos novos ares que a Nação respira. Homens inteligentes, cheios de belas idéias, enxameiam a rua da Candelária e espalham-se pela da Alfândega, transmitindo aos cariocas ambiciosos de grandes aventuras financeiras, um otimismo que inebria.

Ouçamos Machado de Assis:

"Quem não viu aquilo não viu nada. Cascatas de idéias, de invenções, de concessões rolavam todos os dias, sonoras e vistosas para se fazerem contos de réis, centenas de contos, milhares, milhares de milhares, milhares de milhares de milhares de contos de réis. Todos os papéis, aliás ações, salam frescos e eternos do prelo. Eram estradas de ferro, bancos, fábricas, minas, estaleiros, navegação, edificação, exportação, importação, ensaques, empréstimos, tôdas as uniões, tôdas as regiões, tudo o que êsses nomes comportam e mais o que esqueceram. Tudo andava nas ruas e nas praças, com estatutos, organizadores e listas. Letras grandes enchiam as fôlhas públicas, os títulos sucediam-se, sem que se repetissem, raro morria, e só morria o que era frouxo, mas a principio não era frouxo. Cada ação trazia a vida intensa e liberal, alguma vez imortal, que se multiplicava daquela outra vida com que a alma acolhe as religiões novas. Nasciam as ações a preço alto, mais numerosas que as antigas crias da escravidão, e com dividendos infinitos. — Pessoas do tempo, querendo exagerar a riqueza, dizem que o dinheiro brotava do chão, mas não é verdade. Quando muito, caía do céu."

16. Temos, à frente, um desses papéis que veio rolando — por cerca de oito décadas, entre velhas recordações de família, até chegar às nossas mãos.

É um papel do valor de 2/3 de uma ação de 100\$000. Representa, exatamente, 66\$666 de um capital de 10.000:000\$000 (dez mil contos de réis), ou seja, dez mil cruzeiros. Reflitam sobre o valor de tal importância em 1891... quando se instalou o encilhamento em nosso país.

Lá está, no alto do papel, a figura de uma locomotiva fumegando. Em baixo, uma outra, a figura gentil de uma mulher segurando um malho, a deusa da indústria. O empreendimento representado pelo título pretende iniciar melhoramentos... Cremos que os melhoramentos não chegaram a ser iniciados. O papel do nosso avoengo somente serviu para testemunhar uma época.

17. Se os negócios fervilham, a política não fica atrás: está em ebulição. Se há ambição de enriquecer, também há a do poder. Por isso, rompem-se as hostilidades entre aqueles que ainda ontem somavam-se contra o Império. E desse antagonismo aproveitam-se os saudosos da Monarquia.

A República fôra proclamada ao arrepio da vontade de uns e apesar do gelo da indiferença de muitos. Fôra o resultado de um levante cujas probabilidades de êxito periclitaram até o último instante, e o sucesso estêve, exatamente, na condução daquele ato derradeiro, quando um velho doente encontrou forças para, numa arrancada viril, galvanizar mais de um milhar de homens hesitantes.

Quais seriam as conseqüências para a revolução, se Deodoro não pudesse — prostrado pela doença — encontrar-se com Benjamin, que vinha à frente da 2.^a Brigada, no Aterrado do Mangue? Teria havido a adesão de toda aquela tropa da Marinha, da Polícia, dos Bombeiros e dos efetivos, embora fracos, da Infantaria do Exército, que se encontravam na frente e no interior do Quartel-General?

Não há respostas para estas indagações, por que a História só pôde guardar os reflexos da vitória dos republicanos. O certo, porém, é que poucos foram os construtores do templo da República no Brasil.

— A respeito, diz Quintino Bocaiuva:

“Eu próprio fui o único Chefe, por algumas horas, no dia 15 de novembro de 1889. Nesse momento, o cargo e a proeminência não eram apetecíveis. Tratava-se de expor a cabeça, e morrer por morrer, antes eu que era o mais tolo, senão o mais velho. Mas do dia 16 em diante, já fui considerado uma espécie de Britannicus, cuja eliminação favoreceria o advento de novas capacidades.”

18. Passados os momentos angustiosos das definições naquela madrugada do "15", os hesitantes, os timoratos, os dúbios, todos eles jogaram-se arquejantes, para a escadaria do Poder, ansiosos por galgá-la, pisando-se, ferindo-se, injuriando-se. Nessa escalada desvalhada — ninguém querendo ser o último — não foi respeitado nem mesmo o vulto leonino de Deodoro. Daí, o seu golpe de Estado de 3 de novembro de 1891 que êle próprio resgata — em poucos dias — desiludido e cansado, com o seu gesto de renúncia, a 23 daquele mês.

Tobias Barreto recorda o momento da renúncia como sendo de emção, com Deodoro dizendo que já não era o Presidente e que iria pedir reforma.

Vários comandantes de corpos assistem a cena, desolados; entre eles está o Tenente-Coronel Carlos Olímpio Ferraz, o Comandante do 7.º BI.

O velho guerreiro não se conforma com a saída do querido Marechal; por isso, incontinente, pragueja.

19. "Era a 23 de novembro de 1891. Na qualidade de secretário particular do Ministro do Interior tive de lavrar o decreto da renúncia do Marechal. O momento se tornava solenissimo e Deodoro visivelmente comovido travou da pena com a mão trêmula e parou.

— Assino a carta de alforria do derradeiro escravo do Brasil — disse, e então subscreveu o ato."

(Ernesto Sena.)

O Marechal Floriano Vieira Peixoto — o Vice-Presidente — inicia o exercicio da Presidência da República; mas não o faz com a satisfação geral. Por isso, durante todo o seu periodo de governo não haverá paz, apesar de sua boa vontade inicial para com aquêles que lhe são adversos:

"...Na graciosa officina em que se trabalha no progresso da Pátria não há vencidos nem vencedores, grandes ou pequenos. São todos operários de uma obra comum. A essa obra dedicarei todo o meu esforço; para êsse trabalho peço e espero o concurso de todos os brasileiros. São êstes os intuitos que me dominam, e que julguei dever expor ao País."

O comêço da sangueira está próximo, embora os primeiros atos de violência sejam tímidos e pouco exigentes. As carótidas ainda não estão sendo abertas...

A princípio, fervem boatos. Dêsses, os mais constantes referem-se às próximas tentativas de restauração da Monarquia. Diga-se de passagem que tais boatos estarão presentes, por vários anos, na nossa atribulada República.

Nem bem Floriano atravessa os portais do Itamarati e o diz-que-diz vai quebrando de ouvido em ouvido. Surgem insinuações, constantes, que põem em dúvida a fidelidade dos Batalhões de Infantaria da guarnição do Rio, ao regimen republicano.

Tais boatos irritam os officiaes d'esses Batalhões que resolvem tornar público o seu protesto:

"No intuito de desfazer os boatos que infelizmente circulam de restauração para a qual contam com a força de Infantaria, a officialidade dos 1º, 7º, 10º, 22º, 23º e 24º Batalhões de Infantaria, reunida, resolve protestar contra tais especulações, por isso que foi, é e será pela República Federativa; e declara que tais boatos só podem partir de especuladores que buscam tirar vantagem do estado anárquico em que infelizmente parece percorrer as camadas sociais. Entretanto afirma, mais uma vez, que este ou outro governo qualquer poderá contar com a sua solidariedade para a manutenção da ordem e sustentáculo da República. Capital Federal, 17 de dezembro de 1891."

Qual a razão de tais boatos? Estarão pensando os adversários da República que a ausência dos Batalhões de Infantaria na arrancada da 2ª Brigada, no 15 de novembro, significou desapeço, daqueles Batalhões, à causa republicana?

Se assim pensam, pensam errado, e as futuras atitudes dessas unidades virão atestar o equívoco dos boateiros.

20. Na manhã de 19 de janeiro de 1892, quando a guarnição do 1º Batalhão de Artilharia de Posição está no rancho, às 5 horas e 45 minutos, o 2º Sargento Silvino Honório de Macedo e elementos que o apóiam, soltam os sentenciados que cumprem pena na Fortaleza de Santa Cruz, prendem os officiaes e mandam as famílias destes para o Rio, em escaleres. Em seguida, apoderam-se do Forte do Pico e, por um estratagema, alguns desembarcam no Forte da Laje, sendo efêmera, porém, esta última conquista.

O Sargento Silvino é praça do 1º Batalhão de Engenharia, mas está adido àquele Batalhão de Artilharia, aguardando matrícula na Escola Militar.

Os revoltosos dizem-se amparados por promessas de adesões, apoios e solidariedade de destacados vultos políticos. Mas, como não se verificam levantes em outras Unidades, os promittentes adesistas descem do "muro", do lado oposto àquele em que está Silvino...

Manhã cedo, já o 7º BI entra em forma e desloca-se para o velho Arsenal de Guerra que se apresenta guarnecido por menores-artifices, operários-militares, além dos Batalhões de Voluntários — o Tiradentes, o Acadêmico e o Benjamin Constant.

Carlos Olímpio ao chegar ao Arsenal é recebido pelo Tenente-Coronel Guilherme de Barros Vasconcelos, representante do Ajudante-General, que lhe transmite a ordem de embarcar o Batalhão em lanchas a fim de dirigir-se à Fortaleza revoltada, rumando à praia de fora. Equivale dizer que o comboio terá de passar pela boca da barra, frente aos canhões da "Santa Cruz."

Carlos Olímpio pondera ao colega a inconveniência do trajeto pela possível perda do Batalhão em tão perigosa e pouco gloriosa manobra. O outro não lhe oferece oportunidade para expor uma alternativa: é uma ordem.

Felizmente aproxima-se o Ministro da Guerra a quem o Comandante do 7º expõe seus argumentos; o Ministro acaba concordando em que seja modificada a ordem dada.

O plano de Carlos Olímpio consiste em levar a Unidade a Niterói e, de lá, partir para a região em poder dos revoltosos tendo, como primeiro objetivo, a conquista do Forte do Pico, posição dominante sobre a Santa Cruz; essa manobra tornará mais fácil e menos custosa a rendição deste último reduto.

O Batalhão embarca nas barcas "Ferry", embora com algum atraso. Acabara de sair do serviço de guarnição; fazia-se mister reunir, na estação das barcas, oficiais e praças que andam dispersos.

Transpondo a baía, o Batalhão desembarca em São Domingos; daí, segue, em cerca de dez bondes, até o fim da linha, em Icaraí.

As 23 horas e 30 minutos, chega ao local o 10º BI, sob o comando do valente Tenente-Coronel Silvestre Rodrigues da Silva Travassos e, com êle, o próprio Ajudante-General, o General Enéias Galvão.

Surge a manhã do dia 20. Contingentes do 7º e do 10º, somando uns 90 homens, comandados pelo Capitão do 1º Btl Art Posição, Godofredo de Melo Barreto e com êste os Tenente Veiga Cabral, Alferes João Xavier do Rêgo Barros, Antônio Gomes Padilha e o Sargento Dionísio Ferreira de Abreu, seguem, rumo ao Pico, através de espessos matagais cheios de urzes que lhes dilaceram as carnes, sob um sol ardente e uma poeira sufocante.

Apesar desses tropeços, retemperam-se ao atingir o objetivo, galgando, com audácia, pontos que dantes se julgavam inacessíveis, penetrando, afinal, no reduto do Forte e dali rechaçando os revoltosos.

Dá-se, como grande, o número de mortos entre legalistas e revolucionários, ao final da luta pela conquista do Forte do Pico. Entretanto, nos registros das ordens-do-dia não encontramos exclusões por falecimento que demonstrem perdas fatais por parte do 7º.

Com a canhão "Krupp" existente no Pico, os legalistas bombardeiam a "Santa Cruz", arvorando-se em artilheiro o Alferes do 7º BI Leopoldo de Azevedo. Nessa investida, um dos primeiros feridos é o bravo Alferes Gomes Padilha.

A operação prossegue, sempre acompanhada pelo Ajudante-General que incentiva a tropa com a sua presença nos locais de combate, fazendo com que as cornetas não cessem de tocar para animar e acelerar os soldados.

A tropa ocupa o parapetto que enfrenta a "Santa Cruz", e tódas as faces laterais e portões do Forte do Pico. Mas, a munição é pouca, o alimento é nenhum e o dia avança... Para os feridos e estropiados pela estafa, um único médico.

O Ajudante-General pede a intervenção da esquadra; dizem que, ao 12.º tiro, Silvino rendeu-se.

A ala esquerda do 7º, sob o comando do Major Rafael Tobias, penetra na Fortaleza onde, encostado numa laje, Silvino apresenta a fisionomia desfigurada pelo sangue que lhe desce do ferimento feito na face por uma bala de revólver. Apesar da dor, Silvino mantém uma expressão singular de energia.

21. Volta o 7º ao morro de Santo Antônio, depois da missão cumprida. Antes, entretanto êle e o 10.º BI desfilaram pela rua Larga de S. Joaquim (atual Avenida Marechal Floriano) e lá, Floriano, Vice-Presidente da República no exercício da Presidência, os vê regressar às 18 horas. Embora esteja há 2 meses, somente, no poder supremo, Floriano já despertou em civis e militares aquela chama viva que se denominou de "florianismo". O "florianismo" está em marcha, e o desfile dèsses batalhões, com os homens de fardas rasgadas, sujos e extenuados, constitui um exemplo do magnetismo que se irradia do futuro "Marechal de Ferro" e que virá cristalizar-se na mística que perdurará por anos, e pela qual morrerão muitos fiéis adeptos.

Apesar da falta de aprumo militar daqueles soldados cansados, êles estão felizes em desfilar perante o Chefe da Nação, que de semblante triste, lhes retribui a continência, da sacada do Itamarati.

"Êles (as praças) pois, que são a guarda fiel de nossas instituições, que nos instantes perigosos e difíceis a tudo se expõem e sacrificam, que sofrem com calma e resignação tódas as privações quando é mister êsse sacrificio, êles merecem tódas as atenções por parte do Governo, para nas ocasiões precisas tudo se lhes poder exigir; cerca-los de todo o bem-estar na paz para recompensar as agruras da guerra."

O Ministro da Guerra dirige-se ao Ajudante-General e diz que:

"... reconhece e agradece os serviços que haveis prestado vós e os oficiais de vosso Estado-Maior, os Batalhões 7º e 10º de Infantaria sob o comando dos bravos Tenentes-Coronéis Carlos Olímpio Ferraz e Silvestre Rodrigues da Silva Travassos..."

O Ajudante-General assim se congratula, por sua vez, com o Exército e conclui com estas palavras:

"... Finalmente me é grato declarar que a oficialidade do 7º e 10º BI é, também, credora de louvores pela boa disciplina que mantiveram, pela lealdade com que se portaram, e que igualmente são dignas de elogios as praças dos 1º, 7º e 10º BI que tão edificantes exemplos de bravura e disciplina acabam de patentear; determino que os denodados Srs. Comandantes dos corpos referidos em meu nome elogiem os seus oficiais e praças cujos serviços se tenham salientado e tenham escapado à minha observação durante a ação, devendo às praças que merecerem tais elogios serem concedidos oito dias de dispensa do serviço como prêmio à dedicação e valor demonstrados."

Carlos Olímpio, por sua vez diz:

"... Exultando de contentamento pelo que acima fica exposto me é agradabilíssimo louvar e agradecer aos oficiais e praças do Batalhão que na referida jornada portaram-se dignamente..."

Seguem-se nomes de oficiais e praças. Quanto aos oficiais, o grande coração de Carlos Olímpio não pode permitir que escape algum nome. Mesmo aqueles que estando em outras missões, não sofreram as agruras da luta, são elogiados. Assim acontece com os que ficaram zelando pelo quartel e um outro, que estava à disposição do Governador do Estado do Rio. Para Carlos Olímpio, se estes tivessem ido ao combate, também teriam merecido o louvor. E, as praças, ele destaca algumas "por terem seguido em primeiro lugar fazendo parte da força que tomou de assalto o Forte do Pico".

22. É aqui que vamos destacar a figura de um sargento — um "Particular 1º sargento" — que bem mostra, pelos registros anotados, ter sido um homem valente, que amava as brigas pelas emoções que lhe causavam.

Em agosto do ano anterior ele estava em plena festa pública denominada festa de Santo Cristo dos Milagres, lá para as bandas do Saco do Alferes, entrada de mar que, hoje, aterrada, constitui o largo de Santo Cristo antigo largo do Gambá.

Ao derredor dessa igreja, num pouco estimado dia 13 de agosto, estava um conflito que deve ter sido de razoáveis proporções. Acorre a polícia, mas os capoeiras resistem. É, então, que surge o referido graduado — um 2º cadete 1º sargento — do 7º BI. Sua eficaz intervenção ao lado da patrulha da Brigada Policial deve ter sido altamente apreciada pelo Comandante da Brigada, pois logo chega ao Batalhão um ofício daquela autoridade elogiando a ação do sargento.

Nem bem se passam quinze dias, e Carlos Olímpio vê desvanecer-se a boa imagem que fazia do subordinado. O cadete-sargento fôra punido por alguma falta, mas rebela-se contra a punição proferindo palavras inconvenientes — e manifesta o desejo de ser transferido da Unidade. O Comandante da Unidade considera a atitude do sargento acintosa, e pune-o com 20 dias de prisão no Forte da Lage.

Decorrem meses, e em janeiro de 1892 dá-se a revolta da "Santa Cruz". E, quem é que está entre os poucos oficiais e praças destacados nominalmente pelo Ajudante-General? O mesmo sargento, o mesmo dominador de conflitos do Santo Cristo e o mesmo indisciplinado que afetara a bondade de Carlos Olímpio. Naquela subida à penedia onde se embasa o Forte do Pico, o sargento deve ter conduzido — com coragem e audácia — um pugilo de valentes do 7º, levando-os à vitória.

Alegria para o comandante do 7º que, certamente, está pronto a esquecer o agravo anterior de seu subordinado.

Mas qual! O homem é mesmo da arrelia. Passam-se dois meses e, agora, é o próprio comandante da guarnição quem determina a prisão do cadete-sargento atrabillário. Não se pode dizer que o homem não seja religioso. Pelo contrário! Comparece a tôdas as festas de igreja. Ai está êle, na porta da capela, vendo sair a procissão. Embora revestindo-se de tôda a compunção está vigilante às provocações. E, armado de um cacête, à frente de um grupo de desordeiros, êle revida afrontas, estabelecendo um tremendo sururu que lhe vale ser recolhido — por prazo que não se determina — à... à mesma Fortaleza de Santa Cruz que ajudara a tomar — dois meses antes — com tão elogiável bravura.

23. A revolta da "Santa Cruz" sacode os brios dos republicanos; por essa razão surgem demonstrações de aplauso aos bravos que se lançaram ao assalto das duas fortificações.

Nos dias que se seguem, Carlos Olímpio não tem mãos a medir tanto aprêgo, reconhecimento e entusiasmo daqueles que — como êle — comungam do mesmo amor à República:

"Dignaram-se hoje em vir cumprimentar a officialidade do Batalhão e respectivas praças pelo resultado satisfatório dos acontecimentos havidos nos dias 19 e 20 do corrente por ocasião da revolta dos presos da Fortaleza de Santa Cruz, o Exmo. Sr. Contra-Almirante Custódio José de Melo, Ministro da Marinha, o Comandante do 1º Regimento de Cavalaria e seus officiaes e o Comandante do Regimento de Cavalaria da Brigada Policial acompanhado da respectiva officialidade."

Em menos de dois anos, Custódio de Melo estará combatendo Floriano, e abrigará em suas fileiras, solidário com a revolta da Ar-

mada, o Sargento Silvino, o rebelde de hoje, que acaba de ser vencido pela ação conjugada das forças de terra e da esquadra que cumpre ordens de Custódio.

No dia seguinte, chega ao quartel do 7º uma carta do Coronel Marciano Augusto Botelho de Magalhães — Deputado federal e irmão de Benjamim Constant, oficial que comandou a Escola Militar para leva-la ao Campo da Aclamação na manhã do "15":

"...em carta muito honrosa que se dignou dirigir-me, louva o procedimento dos oficiais e praças do Batalhão, nos dias 19 e 20 tudo do corrente, por ocasião da revolta dos presos da Fortaleza de Santa Cruz e enviou a quantia de 500\$000... (hiato no trecho do registro)... as quais são as seguintes: 1ª Cia. Mestre de Música Raul Augusto de Castro; músico Cirilo Antônio Gomes (seguem-se mais cinco praças). Os Srs. Comandantes de Companhias recebam as referidas importâncias e procedam à respectiva distribuição."

Já decorrem quase dois meses da revolta, e as manifestações ao 7º prosseguem. Agora é o Governador do Estado do Rio, o Contra-Almirante D. Carlos Baltazar da Silveira, que comparece, com o seu secretário, o Comandante da Brigada Policial, e o Diretor-Geral da Fazenda, a visitar o quartel do 7º. Carlos Olímpio agradece a gentileza da visita:

"Tamanho prova de acrisolado patriotismo, honra, distinção e solidariedade que dispensa o mesmo Exmo. Sr. a uma fração do Exército, muito me orgulha por ver em uma autoridade constituída a consideração e estima que me dispensa.

Fazendo votos para que o ilustre Almirante seja o sustentáculo daquele Estado que de si espera o mais amplo apoio e sincera abnegação, exulto de contentamento esperando que para o futuro tenha o renome de um dos primeiros cidadãos que a frente de uma parte da nossa florescente República, conseguirá com seus valiosos esforços a estabilidade das nossas leis.

Por isso me é agradabilíssimo declarar que, por tão faustoso acontecimento ficam soltos todos os presos à minha ordem, desimpedidas as praças que estiverem impedidas e relevadas de rebaixamento aquelas que assim estiverem consideradas."

Certamente que as praças ficaram muito felizes com tais demonstrações de aprêço, porquanto, da exultação do grande coração de seu comandante, resultou uma anistia geral...

Mais alguns dias, e Carlos Olímpio vê entrar pelo portão do quartel o elemento civil, para trazer-lhe os agradecimentos dos fluminenses:

"Este comando sob a mais agradável impressão transcreve hoje a mensagem que acompanhou a coroa de louro com que o generoso e cavalheiresco povo fluminense quis expressar sua perene gratidão para com o Batalhão pelo modo heróico como soube haver-se na repressão da revolta de presos da Fortaleza de Santa Cruz. Congratulando-se com os oficiais e praças do Batalhão por ter-se rendido tão belo e merecido preito a seu civismo e coragem, aconselho-os a que sempre procurem não se afastar dessa gloriosa senda da honra e do dever, para que sejam apontados como um exemplo de nobre patriotismo.

Eis a mensagem:

Senhor Comandante.

Em nome do Povo Fluminense a comissão abaixo assinada vem depositar em vossas mãos este precioso brinde que simboliza o seu entusiasmo e reconhecimento pelo ato de bravura patriótica por vós e por vossos comandados por ocasião da tomada da Fortaleza de Santa Cruz do poder dos revoltosos em 20 de janeiro do corrente ano.

Se motivos estranhos à vontade dos signatários, impediu-lhes de dar toda a solenidade precisa a este fato festivo, éle contudo não desmerece no seu valor moral, por isso que representa o tributo franco e espontâneo do Povo àqueles que sabem honrar a Pátria, defendendo a República com o sacrificio da própria vida.

Honra, pois, aos bravos.

Salve o 7.º Batalhão d'Infantaria dos Estados Unidos do Brasil.

Ao Cidadão Coronel Carlos Olímpio Ferraz, M. D. Comandante do 7.º Batalhão d'Infantaria.

Capital Federal, 18 de março de 1892

José Joaquim da Silva Borges
Frederico Pereira da Silva Júnior
Benjamim Magalhães."

24. Que fim levou o Sargento Silvino?

Abrangido pela anistia de 5 de agosto do mesmo ano quando ainda estava em tratamento no Hospital da Marinha do Rio, foi

amparado por Floriano com um emprêgo na Imprensa Oficial, pois Floriano — dizem — o considerava "um homem decidido e corajoso" que merecia ser poupado.

Mas Silvino volta a colocar-se contra Floriano, engajando-se nas fileiras rebeldes comandadas por Custódio de Melo, em 1893.

Em 23 de setembro dêste ano está no tombadilho do monitor "Javari", que afunda na Ilha Fiscal. Mais tarde, passa a tomar conta do pontão "Guanabara" donde — ao que consta — conseguiu acertar e destruir o holofote instalado no morro da Glória.

Irrequieto, Silvino acaba indo para Recife. Presume-se que êle tivesse o propósito de inutilizar alguns dos navios que Floriano mandara adquirir no estrangeiro para integrar a esquadra com que pretendia combater os revoltosos. Silvino não é bem sucedido e é prêso.

A notícia chega, por telégrafo, a Floriano. A paciência e a boa vontade do Marechal devem ter-se esgotado; a República está em primeiro lugar.

Segundo consta do livro "História do Supremo Tribunal Militar" do eminente Ministro e General Raimundo Rodrigues Barboza —, a resposta não tarda, contendo a ordem para executar Silvino, o que é feito a 13 de janeiro de 1894. E quem comandou a escolta que o levou foi o Alferes Manoel Belerofonte de Lima, um oficial que voltaremos a encontrar, ligado a fatos que surgirão mais adiante.

25. O princípio do ano de 1892 é inquietante. Mal terminado o caso do levante chefiado pelo sargento Silvino e logo um acontecimento nôvo surge na vida nacional, dêle participando elementos militares. É a divulgação do "Manifesto dos treze generais."

Trata-se de um memorial assinado por treze Contra-Almirantes e Generais em que os signatários concitam Floriano a promover as eleições para o preenchimento do cargo de Presidente da República, em virtude da renúncia de Deodoro.

É o reflexo de uma parte da opinião pública e de uma certa faixa de políticos que discordam da interpretação dada por Floriano a determinados incisos da Constituição que cuidam do preenchimento daquele cargo em caso de vacância.

Daí, a controvérsia feros que levará o país, praticamente, à guerra civil.

Embora datado de 31 de março de 1892, o manifesto só é entregue a Floriano dias depois. A reação do Marechal é imediata e val-mais além do previsível: reforma ou transfere para a reserva os Officiais-Generais signatários do memorial e outros militares que com êles se solidarizam. E a 12, embarca-os bem como a vários civis, no paquete "Pernambuco" que rumo para locais de destêrro, nos confins da Amazônia.

A pretexto de homenagear Deodoro, alguns elementos descontentes reúnem-se, a 10 de abril. Promovem comícios na cidade e após um desses comícios, com banda de música (do 24.º BI) à frente, passam nas proximidades do quartel do 7.º BI. Vão até este e aclamam-no, vivem-no, exaltam-no, procurando aliciá-lo. Daquele quartel, porém, ninguém sai nem para agradecer, tampouco para engrossar a multidão.

Neste dia, o 7.º cerra fileiras com as demais Unidades do Rio em defesa da República nascente.

26. Sobre estes acontecimentos — de 19 e 20 de janeiro e de 10 de abril de 1892 — assim dirá Floriano, bem mais tarde ao Congresso, em mensagem de 7 de maio de 1894:

“Há uma certa solidariedade, ora clara, ora oculta, que indica uma corrente de rebeldia criminoso: as revoltas de 20 de janeiro de 1892, na Fortaleza de Santa Cruz e 10 de abril do mesmo ano, nas ruas desta cidade, ambas sufocadas no nascedouro, são os indícios mais significativos desse vasto plano de ruína com que se pretendia derrubar a República. Vários são os elementos que entram nesse plano: aos falsos republicanos e conspiradores de 1892, reuniram-se os outros contingentes de despeito e indisciplina; especuladores da bolsa que procuravam a reabilitação necessária dos desastres económicos à custa do desastre para eles indiferente, da Pátria...”

... e vai Floriano descrevendo o perfil moral e político de cada tipo de adversário da consolidação da República, consolidação que ele completará sem altear a voz, sem iluminar o olhar, e sem deixar cair dos lábios o célebre cigarro telmosamente apagado...

27. Um dos conspiradores que visavam a derrubada de Floriano — José Carlos de Carvalho —, cita em sua obra o nome de Carlos Olímpio Ferraz, como um dos militares favoráveis ao movimento, e isto a 23 de março, antes, portanto, do “manifesto”. Embora não consigne o seu nome entre aqueles que se solidarizam com o documento, ele é afastado do comando do 7.º... em decorrência de sua promoção, exatamente a 7 de abril, data em que tantos militares são transferidos para a reserva. O Governo promove-o; porém transfere-o para o 17.º BI.

Lemos em obra de Silveira Peixoto uma carta que Prudente de Moraes escreve a Bernardino de Campos, pouco antes daquele assumir a Presidência da República:

“Firacibaba, 22 de outubro de 1894 O Travassos (Silvestre), cujo Batalhão já estava reduzido de

500 a 50 e poucas praças foi mandado comandar o 33.º em Sergipe, vindo o Olímpio Ferraz para o Rio, comandar o 23.º, donde saiu o Santos Dias para a Bahia."

Pela carta, pode-se inferir que Carlos Olímpio estará nas boas graças de Floriano ao final de seu governo. Mas, no mês de abril de 1892, o perspicaz Floriano deve ter pressentido o quanto vacila a vontade do devotado amigo de Deodoro. Daí, promovê-lo, e afastá-lo do Rio.

Sugerimos outra razão para esse afastamento de Carlos Olímpio, uma vez que o cargo de comandante do 7.º comportava a presença de um Coronel, como se verá em seguida. É que, talvez, o 7.º — o sustentáculo da República — precise, agora, de um comandante que sintonize com Floriano — de forma unívoca — como respaldo para preservar os ideais republicanos e o regimen... de qualquer maneira. E esse comandante "ad hoc" é designado por Floriano...

28. A 11 de abril de 1892, o Coronel Carlos Olímpio Ferraz deixa o comando do 7.º, e de um modo que desperta curiosidade:

"Tendo sido promovido por decreto de 7 do corrente ao posto de Coronel para o 17.º BI, passo nesta data o comando do Batalhão ao Major Francisco Felix de Araújo. Ao despedir-me do Batalhão que por espaço de dois anos comandi, cumpro o dever de agradecer aos Srs. Officiais, oficiais inferiores e demais praças, a leal coadjuvação que me prestaram no período do meu comando e assinar-lhes a minha eterna gratidão."

Até aí, nada de mais. Talvez Carlos Olímpio não deseje aguardar o seu substituto por querer seguir mais depressa para a sua nova Unidade, quem o sabe?

Mas esta hipótese deixa de ser plausível, ao ler-se, logo em seguida, o tópico inserido na ordem do dia da mesma data pelo Major Francisco Felix, o fiscal do Batalhão:

"Nesta data e às 9 horas do dia assumi o comando deste Batalhão por ter sido promovido a Coronel por merecimento para o 17.º BI, o cidadão Tenente-Coronel Carlos Olímpio Ferraz, e às 11 horas, também do dia, passei o referido comando ao cidadão ..."

Carlos Olímpio deixou o Comando nas mãos do Fiscal duas horas antes da chegada do novo titular! Por que não o esperou?

Que homem será este, que está para chegar?

BIBLIOGRAFIA

- ORDENS DO DIA DO 7.º BI — Arquivo do Exército.
- FES DE OFICIO — Arquivo do Exército.
- DOCUMENTOS DIVERSOS — Arquivo do Exército.
- HISTÓRIA DAS RUAS DO RIO DE JANEIRO — Brasil Gerson — Coleção Cidade do Rio de Janeiro.
- OS SERTÕES — Euclides da Cunha 13.ª Edição — 1938.
- HISTÓRIA DO SUPREMO TRIBUNAL MILITAR — Ministro Raimundo Barboza Dep. Imp. Nac. — 1952.
- ADVENTO DA DITADURA MILITAR NO BRASIL — Visconde de Ouro Preto — Impitmerie F. Pichon 1891.
- O RIO DE JANEIRO — Moreira de Azevedo.
- O MUNDO DE MACHADO DE ASSIS — Miécio Tati — Emp. Gráfica das Revistas dos Tribunais — 1961.
- DA MONARQUIA A REPUBLICA — George C. A. Boecher — MEC.
- FLORIANO — Memórias e documentos — Noronha Santos.
- DEODORO — Subsídios para a história — Ernesto Sena.
- O LIVRO DE MINHA VIDA NA GUERRA, NA PAZ E NAS REVOLUÇÕES — Almirante José Carlos de Carvalho — 1913.
- A REVOLTA DA ARMADA — Epaminondas Vilalba.
- AS ATALAIAS DA GUANABARA — Silvio Peixoto — Gráfica Laemmert
- A HISTÓRIA DAS REVOLUÇÕES — Glauco Carneiro — Edição O Cruzeiro 1945.
- DEODORO — R. Magalhães Junior — Cia. Editora Nacional — II Vol.
- GUERRA CIVIL NO BRASIL — de 1893-1295 — Almirante Arthur Tompson Ed. Ravaro — 1934.
- A TORMENTA QUE PRUDENTE DE MORAIS VENCEU — Silveira Peixoto.